

## ODONTOLOGIA NO SUS: UMA ESPECIALIDADE A PORTAS FECHADAS?

Esposti e colaboradores (2016) desenvolveram uma pesquisa no município de Vitória, no Espírito Santo, buscando compreender como se dava a participação do cirurgião-dentista nas relações intersubjetivas da ESF. Foram selecionadas duas equipes da ESF da capital capixaba, nas quais os profissionais trabalhavam juntos há pelo menos um ano e que apresentavam realidades distintas, de forma a explorar opiniões sobre a questão em estudo nos diferentes contextos. Foram entrevistados quatorze sujeitos, representando todas as categorias de uma equipe da ESF com saúde bucal: médico, enfermeiro, auxiliar de enfermagem, cirurgião-dentista, técnico em saúde bucal (TSB), auxiliar de saúde bucal (ASB) e agente comunitário de saúde (ACS).

Os resultados evidenciaram que muitos fatores interferem na ação comunicativa entre esses profissionais, entre eles: rivalidade pessoal, falta de interesse e responsabilidade sobre o trabalho, falta de preparo e perfil para o trabalho em equipe, pouco tempo e espaço físico disponibilizado para reuniões e precariedade do vínculo, gerando alta rotatividade nas equipes.

A fala de um dos entrevistados ilustra essa situação:

[...] Não existe humanidade, não existe interesse pelo próximo, não existe metas a seguir. Existe a minha rixa com você! Existe o meu interesse, você que se dane. E isso existe. 'Ah, tá no meu horário, não posso mais não!' [...] Não existe interesse. Não existe responsabilidade de trabalho. Então, eu pedi pra trocar de equipe. (M7)

Segundo os autores, nos cenários estudados, percebeu-se que, apesar de a gerência estimular o entrosamento nas equipes, a grande cobrança por produtividade configura-se como entrave. A importância da quantidade de procedimentos predomina sobre o pensamento de cirurgiões-dentistas e gestores. Nesse sentido, foram percebidas dificuldades em relacionar a saúde bucal aos demais temas da saúde. É como se os sujeitos partissem de mundos diferentes para direcionar suas ações, como se a saúde bucal não fosse uma faceta de uma realidade mais ampla.

As falas a seguir ilustram esse distanciamento dos CDs:

[...] geralmente a gente vai na reunião e aí tem pouca coisa pra falar pro dentista. [...] eles falam mais sobre a parte de saúde dos pacientes, assim de diabetes. (M1)

Eu acho que, às vezes, a equipe da odontologia, ela fica um pouco afastada, por causa de, até por uma questão física, porque fica ali preso dentro do consultório [...]. (I7)

Atrapalha, mas sempre a odontologia está isolada. [...] Sempre! Sempre! Mudou um pouco, mas não mudou tudo. Podia ter mudado muito pra melhor [...], a própria equipe isola a odontologia, a própria equipe. (I6)

Os autores argumentam que, para que se aperfeiçoe a inserção dos cirurgiões-dentistas nas equipes da ESF, devem ser estimulados a comunicação e o entendimento linguisticamente mediados. Os profissionais discernem a necessidade de melhorar a comunicação estabelecida entre si, principalmente em relação à saúde bucal, que tem no cirurgião-dentista a figura protagonista. Porém, destacam que a responsabilidade na busca pela ampliação da comunicação é de toda a equipe. Para que isso seja possível, deve-se garantir o estabelecimento de novos objetivos de trabalho, não centrados numa figura individual, como no caso do cirurgião-dentista, mas debatidos e pactuados também com os gestores numa prática compartilhada.

